

Independência e liberdade

Neste momento da vida, acredito que mereço a autonomia de verbalizar discordâncias e pontos de vista, que podem não se alinhar aos da maioria, a começar pelas críticas a Bolsonaro



Glauco Silva de Carvalho

14 de julho de 2020

Esta semana, de algum modo, minha vida virou de ponta cabeça. Uma simples renúncia à vice-presidência institucional da Associação dos Oficiais da Polícia Militar de São Paulo acabou gerando uma polêmica que chegou aos grandes jornais do País. Confesso que, até o presente momento, não entendi bem tamanha repercussão por atitude tão simples. Mas, dentro do imaginário de cada um, tenho algumas hipóteses.

Minha atitude e postura geraram percepções muito díspares, a começar por qualificativos singelos e sutis utilizados contra mim, entre eles “traidor filho da puta”; “sabia que ele sempre fora de esquerda”; “um esquerdopata filho da puta”; “esse viado só podia ter vindo da USP”; “a USP realmente não produz nada que preste”, etc, até os destinos mais empolgantes, como “tem que matar um filho da puta desse”.

De outro lado, um sem número de oficiais ligaram para se solidarizar, sendo alguns que eu não via há mais de década. E não foram poucos, o que demonstra como o fenômeno bolsonarista vem se diluindo. Promotores sugeriram que, se fosse preciso, entrariam com habeas corpus preventivo - até agora não sei se alguém queria me prender por conta da carta que produzi ou das entrevistas que concedi - ainda que eu não veja a menor possibilidade de qualquer tipo de prisão. Em meio a tudo isso, entidades da sociedade civil, lideranças políticas e diletos amigos me acolheram. E, surpreendentemente, alguns oficiais assumidamente bolsonaristas, mas que têm a maturidade de separar o pessoal do político, e a opinião da amizade, prestaram sua solidariedade. Enfim, essas horas são boas para mostrar quem é quem.

Muitos agora devem estar se perguntando o porquê de eu ter tomado atitude tão “radical”.

Preciso, antes de tudo, explicar um pouco sobre o que aconteceu três meses atrás. Há um grupo de WhatsApp, do qual participo, em que há oficiais da Polícia Militar e civis. Num determinado dia, postei uma mensagem dizendo que me envergonhava de ser militar por conta das atitudes irresponsáveis, desumanas, insensíveis e desqualificadas de um presidente da República que se avoca militar. Alguém printou a tela e encaminhou a mensagem para a coluna Painel, da *Folha de S. Paulo*. Estava em casa com minha família, quando uma jornalista me ligou, questionando se a frase era verdadeira. Busquei minha fala e confirmei. Ela, então, me questionou se poderia publicá-la. Aquiesci.

Tendo trabalhado no Estado Maior da Polícia Militar por muitos anos, uma das peculiaridades do estamento militar é se preparar para o inesperado, o inusitado. Confesso que, naquele momento, eu achava que minha opinião era a mais comum, normal e medíocre que se podia ter no meu meio, tal o despreparo e a ignorância do presidente. Engano meu! Foi uma saraivada de críticas, inclusive de oficiais mulheres. Dias depois, concedi longa entrevista para o jornalista Marcelo Godoy de *O Estado de São Paulo*. Meu martírio começou com uma nota e se solidificou com uma entrevista.

Nesse momento, meus amigos me procuraram e me alertaram para várias possibilidades. Alguns pediram cuidado e disseram que eu poderia estar sendo usado pela imprensa. “Você está exagerando em suas opiniões”. “Você está suscitando a ira numa parte da oficialidade”. “Você pode se prejudicar com tamanhas críticas”. São os amigos com os quais a vida vale a pena ser vivida ao lado. Meditei, pensei, pesei as consequências e decidi continuar, ainda que, naquele momento, quase que de forma isolada. Sofri uma reprimenda pública, mesmo que educada, da presidência da Associação dos Oficiais, que alertava para o fato de que aquelas eram as opiniões do Coronel Glauco, e não um posicionamento oficial da entidade.

Confesso aqui que pesou, para esta decisão de sair da associação, um pouco de minha forma turrona de ser; meus valores e princípios; minha visão de ver o futuro da Instituição; e, como não poderia deixar de ser, minha formação militar (o pundonor e a dignidade do oficial), uma vez que levamos uma vida com esta maneira de ser.

Gostaria de me ater a dois aspectos apenas dos acima citados.

Em primeiro lugar, tenho convicção que permanecer ao lado de Bolsonaro é um erro histórico presumível e inexorável. Ele passou quase trinta anos na Câmara dos Deputados e parece que não aprendeu nada! Se ele achava que o “sistema” (não gosto de usar essa palavra) era disfuncional, quais projetos apresentou para mudá-lo? Que medidas tomou para aperfeiçoá-lo? Nunca fez absolutamente nada. Nunca aprovou nenhum projeto. Apareceu com estratégias sem nenhuma factualidade, como a de se sustentar nas bancadas temáticas. Sempre estive à margem das discussões e das principais tratativas do País.

Quando assumiu o poder, diante das dificuldades naturais que se apresentam e das encruzilhas pelas quais se defronta uma liderança política, começou a namorar um golpe militar. É absolutamente surreal. A história mostrará quanto caro é ficar ao lado de liderança que despreza a democracia, ignora suas promessas (ao se aliar e posar ao lado do “centrão”), e se mostra aliado de figuras com passado duvidoso (família Queiroz), demite ministro com passado de combate à corrupção (Moro). As incongruências são muitas.

Em segundo lugar, quero minha independência! Por 35 anos, mantive silêncio obsequioso. Fui absolutamente disciplinado. Nunca tergiversei dos preceitos e das normas institucionais da Polícia Militar. Mantive-me recatado e fiel ao ordenamento jurídico que rege a organização. Ainda que discordasse de algumas diretrizes e ordens, o fiz dentro dos limites que o militarismo oferece, mas mantive a disciplina intelectual que se é exigida de um oficial.

Neste momento da vida, acho que mereço a autonomia de verbalizar minhas discordâncias e meus pontos de vista, que podem não se alinhar aos da maioria. De externar posicionamentos e opiniões fruto de uma vida profissional (35 anos!) e de uma vida acadêmica (5 anos no Largo São Francisco e outros 10 no mestrado e doutorado em Ciência Política da USP).

Esse é meu momento de permanecer livre, pois a vida é curta demais. Não quero chegar ao fim de meu caminho e dizer: “puxa vida, eu poderia ter dito tal ou qual coisa”, ou, então, “me arrependo de minhas omissões”. Esse é meu momento de “pecar”, ainda que tardiamente, por decorrência de imposições profissionais. E posso afirmar que é um sentimento maravilhoso. Sublime. Indescritível para quem esteve sob a égide de rígidas regras e ordenamentos (e que assim o devem ser, como teremos oportunidade de falar em outros artigos).

Esta semana me desfilio do Novo. Daqui a 15 dias falamos sobre isso. Quero ter um período sabático, que pode ser perpétuo, enquanto eu viver, de liberdade, respeitando meus opositores. Não quero trazer problemas para a Associação dos Oficiais. Quero independência. Nada mais justo que um “afastamento consensual”.

Glauco Silva de Carvalho

Bacharel em Direito (USP), mestre e doutor em Ciência Política (USP). Coronel da reserva da PMESP, foi diretor de Polícia Comunitária e Direitos Humanos e Comandante do Policiamento na Cidade de São Paulo

<https://backup.forumseguranca.org.br/politica-e-policia/template-multiplas-vozes-t2mgr-o6zzn-zjuh-hi3nj-iyxsx-vc35o-jes2f-p45gr-boopr-2ez42-baaej-o6q-7as9i-47nyy-mz874-u6e7o-csibj-mrcnm-7tfxr-4mcp7-4kytq-z8r62-tnhb-s5myy-3pmpy-8fma6-ma4je-otq5y-byzo2>

